

EPISÓDIO 3 – LADO B

essa coisa sobre as coisas que se perdem ou lendo Heitor Ferraz Mello, *Hoje como ontem ao meio-dia*.

esse livro começa assim *tenho acompanhado a cidade*
esse livro começa com o encontro de um eu
com uma cidade e da cidade com as palavras
desse eu que pensa a forma da cidade ou melhor
e desde agora pensa como é possível viver o luto
pelo que se perdeu pelo que se perde quando
se fala quando se coloca uma palavra sobre o silêncio
quando decidimos perder o silêncio para ter de falar

esse livro começa assim *um desenho de cacaso* o homem
trêmulo de cartola numa bicicleta os olhos quase
bêbados ou quase medrosos como se pudesse seguir
uma travessia um modo de andar que reconhece o caminho
ou que não pode seguir pelo caminho o homem de cartola
trêmulo sua e suas rodas são desproporcionais parecendo
quase um triciclo na curvatura da perna no desenho
trêmulo a tensão sendo maior na roda traseira vide os quatro
traços que conotam – traços podem conotar – essa
pressão de corpo e velocidade ou também como é desproporcional
o rosto do homem de cartola e trêmulo dois rostos
num só rosto já que um mesmo traço compõe uma
sobrancelha o círculo da pálpebra o nariz o sinal de expressão
acima da boca que segue até o fim do queixo dos rostos
que supõem haver um outro escondido entre hoje e ontem

esse livro começa assim *escolho às vezes um objetivo para minhas
caminhadas* e todo o resto da epígrafe colhida em jacques roubaud
como se ele atravessasse também a cidade de roubaud como se
o heitor ferraz atravessasse também a caminhada com caderno
na mão com tudo o que fica e é delicado numa rua com os
objetos que formam a rua a marquise os comunicáveis
esse livro começa assim *para cláudia chico e isabel*
para dar forma ao que ele acolhe com esse livro que
começa com o que há talvez íntimo no que é ínfimo
como olhar um objeto ou como olhar um personagem
e ter por ele uma sensação nebulosa do que viria a se tornar
nesse livro uma forma especial de dizer esse personagem

ou esse objeto que por mais que *sempre estivessem ali*
naquele trecho da rua e isso fosse dito na condicional
como se a linguagem fosse capaz de fazer existir
o que talvez já não exista mesmo que cada um dos objetos
ou dos personagens *persistissem* ao país à cidade à rua
à casa ou a tudo aquilo que está lá sempre esteve e que
mesmo assim ninguém o nota ninguém que olhe
o morro sobre seus olhos ou apenas *dois olhos*
brilhando *no meio da mata* vistos pela empregada
vistos por quem só poderia ver o brilho que ninguém
percebe porque já ninguém quer saber de ninguém

ou tudo não passa de uma imitação fazer o poema
como quem se *afasta* como quem sabe que algo
permanecerá à borda de tudo o que for um refúgio
tudo o que for continuar preso entre as marcas
da distância da duração já que *a distância até a morte é curta*
quando todo som de camburão todo som de bala
estoura no muro das casas como acabou de estourar
em plena pandemia na chacina em mais uma chacina
que diz que talvez não mais um poema não mais um poema
sobre a morte ou não mais um poema *por que escrever*
um poema sobre uma morte mais uma morte? aquela morte
que continua dia após dia eliminando os corpos
eliminando as coisas eliminando tudo o que faz o elo
entre a percepção e os afetos daquele que diz
recolho os olhos
impossíveis
no desejo de me arremeter
contra o ar das cortinas

é preciso talvez talvez diga isso heitor ferraz mello
aprender com a bridadeira de ninar do filho e quando ele
dorme quando ele pode dormir e o poeta volta à mesa
onde a morte se instala e é isso é realmente diferente
de dormir de adormecer é preciso aprender a manter
uma insônia incerta diante do mundo do sentido do mundo
que se assume em cada coisa recebida em cada nova
cicatriz também para além de qualquer memória duvidosa
um erro de perspectiva ou o esforço de compreender
os doentes o que permanece oblíquo como a chuva
como essas coisas que talvez não vamos mais nos lembrar
dentro de poucas semanas dentro de poucas horas

mil em mil mortes galopam essa leitura e eu não posso
deixar de pensar que o heitor fotografou tudo isso
como se hoje fosse como ontem na mais clara luz
na luz sem nenhuma sombra mas que mesmo assim
porta imagens como aquela da cera da vela queimando
as mãos e ser possível ler que *dói o resíduo que brilha*
nessa correnteza desfigurada
lentamente
uma imagem da lentidão ou do que permanece dentro
confinado como o tempo confinando-se em sua lentidão
aquele que vai se ajustando *como se*
encontrasse no chão
o que não mais existia
um certo prazer
irregular de quem anda
se mistura, se funde

o que ainda podemos inscrever pelo que se esconde
num outro lugar que não é mais também estar aqui
nesse mesmo lugar nesse mesmo canto da casa
de onde escrevo ou do canto da casa onde heitor
há mais de dezoito anos escreveu esses poemas
são quase toda uma vida para virem tombar aqui
no meio de um confinamento para determinar o *gesto*
sem abandono ou engano sem também que houvesse
qualquer traição conhecer os artigos da casa
conhecer o que chega de fora o que vem de fora
e contamina a casa *um corredor que atravessa*
o tempo onde também o espaço pode se criar
onde *não há nenhum pensamento* ou quando se perde
um mundo um modo de tomar leite um modo de
procurar o cinzeiro um modo de esperar o outro
um modo de fazer aparecer as coisas uma fenda
que nos faça ter do que respirar e que nos faz perder
qualquer outra proteção quaisquer desses muros
que antes teríamos construído por repetição
seguir um itinerário que muda como mudam
as árvores sobre o calçamento como muda ao acaso
a vida que como o tempo ou como o homem
permanece inabordável mesmo que se refaça
sílabas a sílabas o registro da ira – desde homero –
das fúrias – desde ésquilo – da mesma infausta

forma de desejo – vide goethe e seu segundo fausto –
o que entre um homem e uma mulher parece ser
como um sonho *a inscrição nas nuvens*
e nas ondas
que ainda podem correr

é o que diz o livro de heitor ferraz mello
tudo se inscreve para se apagar para não se fixar
nada está ali fixo mesmo que volte mesmo que
possa parecer um mesmo lado de dois lados
eu talvez fique aqui com um modo de tentar dizer
a que segredo esses poemas se submetem? a que voz
de ninguém a noite deve responder ao meio-dia?
isso enquanto nossos filhos dormem na mais
sombria de todas as luzes¹

PS:
o próximo será
“Onde estão as bombas”
da Tatiana Pequeno.

BIBLIOGRAFIA

Heitor FERRAZ MELLO, *Hoje como ontem ao meio-dia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

¹ Os *itálicos* no texto representam citações do texto de Heitor Ferraz Mello ou, em raros casos, intrusões de outras vozes no texto.